

## ENTRE A VIDA E A OBRA: O SILÊNCIO DE RIMBAUD

*Marcelo Gonçalves Campos*<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

O presente artigo tem por objetivo empreender uma leitura psicanalítica do entrelaçamento da vida e da obra do poeta francês Jean-Nicholas Arthur Rimbaud e investigar o silenciamento literário deste escritor, que abandonou a poesia aos dezenove anos de idade. Para tanto, utilizamos dados de sua biografia e de sua produção escrita (literária e epistolar). Recorremos às formulações freudianas sobre a fuga e a negação, e à contribuição de alguns autores que se debruçaram sobre a questão da interrelação ‘vida – obra literária’, no intuito de compreender as particularidades e desdobramentos da renúncia literária de Rimbaud.

**PALAVRAS-CHAVES:** Rimbaud, Psicanálise, Interrelação ‘Vida – Obra Literária’.

---

<sup>1</sup> Psicólogo e Psicanalista. Mestre em Psicologia (Linha de Pesquisa: Conceitos Fundamentais e Clínica Psicanalítica) pela Universidade Federal de São João Del-Rei e Especialista em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal de Minas Gerais. Endereço: Rua Diógenes Nogueira, 11, sala 307, Centro, Edifício Central Park, Itaúna (MG). CEP: 35.680-041. Telefones (37) 3241-3263 e (37) 9944-3157. E-mail: mg-campos@bol.com.br.

Arthur Rimbaud, poeta francês, é um escritor enigmático na história da literatura. Sua obra poética foi realizada aproximadamente até os dezenove anos de idade, quando então ele se “cala”, para sempre. Um duplo assombro: o jovem que produziu, em tão pouco tempo, um trabalho artístico que deixaria marcas inquestionáveis na literatura, é o mesmo que abandonou radicalmente o fazer poético, chegando mesmo a negá-lo.

Segundo filho de Frédéric Rimbaud, capitão de infantaria, e de Vitalie Cuif, que pertencia a uma família de proprietários rurais, Rimbaud nasceu em Charleville, norte da França, em 20 de outubro de 1854. Quando o poeta contava com seis ou sete anos de idade seu pai abandonou a esposa e os filhos. Uma relação conturbada com a mãe será uma constante na vida do escritor e o desaparecimento do pai militar trará consequências também na segunda parte de sua existência, quando abdica da poesia.

Acredita-se que Rimbaud iniciou sua produção literária em 1867. Em 1869, em uma composição escolar latina que foi premiada, relata ter recebido em sonho esta revelação de Febo: “tu serás poeta”. Neste mesmo trabalho ele declara seu amor pela liberdade e o horror à coerção – para Matarasso e Petitfils (1988, p. 22) esse escrito tem o status de um manifesto poético. Rimbaud tinha quatorze anos quando o concebeu. Com esta idade tem três de seus poemas em versos latinos publicados no *Moniteur de l'enseignement spécial et classique*; são eles: “Jugurtha”, “Ver erat” e “Jamque novus”. Ainda naquele ano, inicia a produção de versos franceses. Tendo escrito “A consoada dos órfãos”, o envia para a *Revue pour tous*, que o publica em janeiro de 1870. A temática do poema é sentimental: duas crianças que, ao despertarem no dia do Ano Novo, se encontram órfãs de mãe e sem a presença paterna no lar. Assim, o que seria uma data festiva passa a ser um momento de luto e tristeza. Citamos alguns trechos:

Sente-se, em tudo ali, que falta alguma coisa...  
– Onde estaria a mãe dessas pobres criancinhas,  
Mãe de sorriso aberto e de olhares triunfantes?  
Decerto se esqueceu, de noite, só, pendida,  
De avivar uma chama às cinzas arrancada;  
Sobre elas afofar a colcha e o cobertor,  
Antes de se ir embora a lhes pedir: perdão.  
(...)  
Voss’alma compreendeu: – essas crianças são órfãs,  
Falta mãe nesse lar! – e o pai está bem longe! ...  
(...)  
Já não há país, nem lar, nem chaves escondidas;  
Acabaram, por isso, os beijos e as surpresas!  
Oh! Como o dia de ano há de ser triste agora!

– Pensativos estão; de seus olhos azuis  
Cai silenciosamente uma lágrima amarga,  
E murmuram: “Quando é que volta a nossa mãe?”  
(RIMBAUD, 1995, p. 33, 35 e 37).

Ivo Barroso, em nota explicativa de sua tradução dessa poesia, chama a atenção para o fato de que o crítico Steve Murphy observa que o poema, desprezado por outros devido uma suposta importância menor,

Assinala o sentimento de abandono do pai (“...e o pai está bem longe!...”), ao mesmo tempo que essa orfandade das crianças pode significar o desejo reprimido de Rimbaud de chamar a atenção de sua mãe para a falta de carinho e excesso de severidade com que o trata, asperidade decerto decorrente da amargura pelo abandono do marido (BARROSO, 1995, p. 317).

Foi também em 1870 que Rimbaud iniciou suas fugas de casa, deixando de ter uma postura de estudante dedicado<sup>2</sup> e filho submisso. Parte para Paris, pela primeira vez, em agosto. Depois vai para a cidade de Douai. Em fins de setembro volta a Charleville. No início de outubro empreende nova fuga, vai para Bruxelas e depois, novamente, Douai. Durante essa segunda fuga escreveu vários poemas: “No cabaré verde”, “A ver-nos no inverno”, “O adormecido do vale”, “A maliciosa” e “Minha boêmia”. Em todas essas composições poéticas estão presentes os temas da errância e das viagens.

Em fevereiro de 1871, o poeta realizou outra viagem para Paris, mas em março voltou para casa. Em abril fugiu novamente para aquela cidade e, de novo, em maio retornou ao lar. Neste mês redigiu uma carta para o seu amigo e também poeta Paul Demeny. Esta missiva, que ficou conhecida como “A carta do vidente”, é certamente o documento mais importante para aqueles que se dedicam ao estudo da obra rimbaudiana; através dela o escritor expõe, a um só tempo, sua compreensão do fazer poético e do percurso necessário a todo aquele que se dispõe a tal ofício, a fim de tornar-se poeta. Eis alguns trechos da carta:

Porque Eu é um outro. Se o cobre acorda clarim, nenhuma culpa lhe cabe. Para mim é evidente: assisto à eclosão do pensamento, eu a contemplo e escuto. (...) Se os velhos imbecis tivessem descoberto algo mais que a falsa significação do Eu, não teríamos de varrer os milhões de esqueletos que, desde um tempo infinito, vêm acumulando

---

<sup>2</sup> No Instituto Rossat, onde foi matriculado aos oito anos de idade, Rimbaud se destacava por sua inteligência. Muitos foram os prêmios escolares que ganhou (grande parte em livros), mas sua capacidade de escrever versos latinos era a principal razão da admiração de colegas e professores.

os produtos de sua inteligência caolha, arvorados em autores! (...) Afirmando que é preciso ser *vidente*, fazer-se *vidente*. O poeta se faz *vidente* por meio de um longo, imenso e racional *desregramento de todos os sentidos*. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; buscar a si, esgotar em si mesmo todos os venenos, a fim de só reter a quintessência. Inefável tortura para a qual se necessita toda a fé, toda a força sobre-humana, e pela qual o poeta se torna o grande enfermo, o grande criminoso, o grande maldito, – e o Sabedor supremo! – pois alcança o *Insabido* (RIMBAUD, 1995, p. 16-17, grifos no original).

Gostaríamos de ressaltar a passagem que indica o que o poeta se tornaria, através do método de vidência: o grande enfermo, o grande criminoso, o grande maldito. Adiante retomaremos esta ideia e procuraremos desenvolvê-la, levando em consideração a importância que esses elementos podem ter na trajetória de Rimbaud após se despedir da poesia.

A teoria do vidente pressupunha, também, uma atitude vivencial. O projeto literário de Rimbaud exige, assim, um projeto existencial. E ele começa a cumpri-lo. No intuito de se deixar disponível para a vidência, vagava pelas ruas e cafés da cidade e se recusava ao estudo e ao trabalho, mesmo aquele na propriedade rural de sua família, que se localizava em Roche, próximo a Charleville.

Em setembro de 1870, redigiu duas cartas para Paul Verlaine, escritor consagrado na capital francesa. Nas cartas se diz um seu grande admirador, conta que também é poeta, relata sua impossibilidade de trabalhar em Charleville e envia alguns versos para apreciação. Dos poemas encaminhados para Verlaine, vemos Rimbaud em uma produção poética bastante crítica, não mais sentimental ou deambulatória. São eles: “Os alumbrados”, “Agachamentos”, “Os assentados”, “Minhas pobres namoradas”, “Orgia parisiense ou Paris se repovoa” e “As primeiras comunhões”. Ainda naquele ano, Verlaine o recebeu em Paris e o apresentou ao círculo literário da cidade. Rimbaud e Verlaine começaram a fazer amplo uso de absinto e haxixe e a relação afetiva entre eles tornou-se cada vez mais evidente. Em março de 1872, Rimbaud estava de volta a Charleville. No fim de maio retornou para a capital francesa, mas em poucos meses resolveu viajar para a Bélgica. Verlaine abandonou a esposa para acompanhá-lo. Partiram depois para a Inglaterra. Entretanto, após alguns desentendimentos Rimbaud retornou para Charleville. Em abril de 1873, começou a escrever o que inicialmente chamou de “Livro negro ou livro pagão”.

Naquele mesmo mês voltou a encontrar Verlaine e decidiram retornar para Londres. Em pouco tempo ressurgiram as brigas e as dificuldades financeiras. Verlaine

deixou Rimbaud e viajou para Bruxelas. Foi lá que, após novas brigas, Verlaine disparou dois tiros contra o jovem poeta, sendo que um deles atingiu seu punho esquerdo. Depois de novas ameaças dirigidas a Rimbaud, Paul Verlaine foi preso e condenado a cumprir pena de um ano e meio de reclusão.

Em julho de 1873, Rimbaud estava de volta a Charleville. Trancado no sótão da propriedade de Roche escreveu *Uma estadia no inferno*, o antigo livro negro ou pagão. Foram publicados quinhentos exemplares, sendo alguns poucos distribuídos pelo autor. Em Paris, para onde se dirigiu após a edição do livro, as pessoas o culpavam por Verlaine estar preso. Rimbaud retornou para Roche, onde teria queimado os exemplares que tinha em seu poder. Muitos críticos e comentadores acreditam que aqui Rimbaud interrompeu sua carreira literária. O certo é que essa obra foi a única publicada pelo próprio poeta.

A vida de Rimbaud após renunciar à poesia é tão ou mais surpreendente quanto à daquele período em que se dedicou ao fazer poético. Fugas e retornos à casa materna continuaram constantes. Entre 1874 e 1878 esteve na Inglaterra, Escócia, Stuttgart (onde aconteceu o último encontro com Verlaine), Itália, Viena, Holanda (onde se alistou no exército colonial, mas depois desertou e fugiu), Bremen, Hamburgo, Suécia, Dinamarca e Roma. Em dezembro de 1878, obteve o emprego de capataz em uma pedreira, localizada em Chipre, mas acabou contraindo tifo e foi se recuperar da doença em Roche. Lá recebeu a visita de seu amigo Ernest Delahaye, em setembro de 1879, que o questionou sobre a literatura, Rimbaud respondeu: “Não penso mais nisso”.

No ano de 1880, voltou para Chipre e depois se dirigiu ao Egito em busca de trabalho. Mas foi na firma Viannay-Bardey e Cia, que realizava comércio de café e couro, localizada em Aden, na África, que obteve emprego. Em dezembro foi transferido para a filial de Harar. Entre 1881 e 1889 residiu ora naquela cidade ora em Aden. Durante esse período, ocupou-se de expedições para obter peles e marfim, explorou terras desconhecidas, empreendeu duas caravanas visando o tráfico de armas, exportou café, tecidos e ouro, além de trabalhar como agente comercial.

Em fevereiro de 1891, Rimbaud escreveu uma carta para sua mãe comunicando que não estava bem de saúde. Como seu joelho inchava continuamente, ele resolveu partir para Aden em busca de tratamento. O médico que o examinou ali diagnosticou um tumor e chegou a mencionar a necessidade de cortar-lhe a perna direita. Rimbaud decidiu regressar para a França no início de maio. Os médicos do Hospital em Marselha, onde se internou, detectaram câncer no osso e amputaram-lhe a perna enferma. Ele foi

então para Roche, para se recuperar, no mês de julho. Em agosto, mesmo sentindo dores e febre, com a saúde debilitada, decidiu voltar para a África. Sua irmã Isabelle o acompanhou até Marselha, de onde Rimbaud pretendia embarcar. Chegando muito enfraquecido naquela cidade, foi necessário interna-lo novamente. No dia 10 de novembro, aos trinta e sete anos, Arthur Rimbaud morreu.

Refletindo sobre o silenciamento literário de Rimbaud, sua renúncia ao seu projeto literário, consideramos legítimo assinalar dois pontos: seu caráter de fuga e a negação da própria escrita.

Como vimos, as fugas foram contínuas em Rimbaud: fugas de casa, da escola, do círculo literário parisiense, do exército holandês, da França e da Europa. Dentre todas elas, a fuga da poesia se revela intrigantemente significativa. Talvez o que a diferencie das outras é que aqui não mais se trata de fugir de algo externo, mas daquilo que ele pretendia ser ou mesmo do que já era – o que nos permite indagar se, pela primeira vez, Rimbaud, deixando a poesia, almejava fugir de si mesmo. Algumas passagens biográficas nos mostram que, além de interromper o exercício poético, Rimbaud também menosprezou o que escreveu, negou ser um poeta.

Em 1883, provavelmente no mês de agosto, um dos sócios da firma Viannay-Bardey e Cia, para a qual Rimbaud trabalhava na época, retornando de viagem em um navio para Aden, soube através de outro passageiro que dois poemas de Rimbaud haviam sido publicados em Paris. Tratava-se de “Vogais” e “O barco ébrio”. O passageiro em questão era o jornalista Paul Bourde, coincidentemente ele era de Charleville e havia sido contemporâneo de Rimbaud no período escolar. Bourde tinha conhecimento que o nome de Rimbaud estava em plena ascensão no meio literário parisiense e que ele era considerado o pioneiro dos poetas chamados de simbolistas ou “malditos”. Tudo isso foi comentando com Alfred Bardey, que até então ignorava completamente o passado literário de seu funcionário. Segundo Bardey, Rimbaud ficou aturdido e zangado com a revelação de sua incursão pela literatura. E o que o poeta disse sobre o fato foi: “Absurdo, ridículo, nauseante!” (MATARASSO E PETITFILS, 1988, p.168). Charles Nicholl, historiador e biógrafo de Rimbaud, observa o seguinte sobre esse episódio:

Não fica claro nas palavras de Bardey se Rimbaud estava se referindo a seus poemas, a seu antigo estilo de vida, em geral, ou ao fato de Bardey ter descoberto o seu segredo. Provavelmente, foi pelo primeiro motivo, com a mesma verve que ele responde a Maurice

Riès<sup>3</sup> alguns anos mais tarde: que seus poemas foram apenas *rinçures*, refugos (NICHOLL, 2007, p. 248).

Conforme apontamos acima, consideramos que a produção literária de Rimbaud estava enlaçada a uma determinada atitude vivencial, tal como assinalado na “Carta do vidente”, talvez aí esteja explicitado um entrelaçamento de sua vida e sua obra. Sendo assim, sua resposta a Maurice Riès poderia estar contemplando tanto a poesia quanto o estilo de vida boêmio que havia levado no passado. De todo modo, é interessante notar que os comentadores e biógrafos do escritor parecem de acordo com o fato de que Rimbaud negou sua poesia. Os editores brasileiros da correspondência de Rimbaud, em uma seleção de suas cartas traduzidas por Alexandre Ribondi (1983), notam, na apresentação que fazem deste livro, que o escritor de Charleville, quando na África, se questionado sobre o seu possível parentesco com o poeta Rimbaud, afirmava que nunca tinha ouvido falar de tal pessoa. Henry Miller afirma textualmente que Rimbaud não reconhecia a importância de seus escritos, que ele “negava que sua obra tivesse algum valor” (Miller, 2003, p. 95).

A preocupação de Verlaine em difundir a obra de Rimbaud na França, mesmo após perderem contato, certamente explica como os poemas do escritor de Charleville começaram a ser conhecidos; pois parece muito pouco provável que Rimbaud comentasse espontaneamente sobre seus “antigos escritos” com outros funcionários, ou com quem quer que fosse, na África.

Miller percebe em Rimbaud um “vácuo de negativas”, onde supomos poder incluir também a recusa da própria escrita literária.

Impossibilitado de adaptar-se ou integrar-se, procura incessantemente – para apenas descobrir que não está *aqui* nem *ali*, não é *isto* nem *aquilo*. Aprende a negação de tudo. A sua rebeldia permanece a única coisa positiva no vácuo de negativas em que se debate. Mas é infrutífera; debilita toda força interior (MILLER, 2003, p. 117, grifos no original).

Com estes dois elementos, fuga e negação, nos remeteremos à psicanálise, buscando lançar alguma luz que nos auxilie no entendimento da recusa poética de Rimbaud e nas possíveis consequências dessa renúncia.

---

<sup>3</sup> Maurice Riès era funcionário de outro comerciante, chamado César Tian, que também atuava na África quando Rimbaud ali trabalhava.

Em “Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen” (1907/1996), texto de Freud dedicado a analisar um livro de Wilhelm Jensen, encontramos uma pequena passagem a respeito da fuga. Infelizmente, o psicanalista não se alonga em sua proposição, não retorna a ela ao longo do artigo e tampouco a explica minuciosamente. Porém, estes fatores não nos impedem de aqui citá-la e utilizá-la para o desenvolvimento da reflexão que ora propomos.

Freud inicia a segunda parte de seu artigo observando que, para efetuar a investigação psicanalítica de alguns sonhos que são descritos na *Gradiva*, foi necessário se prender demoradamente em toda a história e nas atividades anímicas dos personagens principais. Ele pondera que seus leitores poderão se admirar ao notar que as manifestações psíquicas dos personagens foram tratadas como se não fosse ficção. Em sua defesa, Freud afirma que as descrições do livro são muito próximas à realidade – a ponto de asseverar que não se oporia “à apresentação de *Gradiva* como um estudo psiquiátrico” (Freud, 1907/1996, p. 45) – salvo em dois momentos. É no segundo deles, no qual fala da questão do acaso, que encontraremos o excerto sobre a fuga.

Entretanto, essa segunda disposição do autor não se afasta demais da possibilidade real, apenas faz intervir o acaso, que inegavelmente desempenha seu papel em muitas histórias humanas; além disso, recorre a ele acertadamente, pois aqui o acaso demonstra a *fatídica e comprovada verdade de que a fuga é o instrumento mais seguro para se cair prisioneiro daquilo que se deseja evitar* (FREUD, 1907/1996, p. 45-46; grifo meu).

Nesse texto freudiano é também interessante destacarmos outra ideia que nos parece coerente com a sua peculiar definição de fuga. Freud nos alerta que na vida mental, ao contrário do que as pessoas geralmente tendem a admitir, existe pouca liberdade e eventualidade. Indo além, ele cogita a possibilidade de que elas não existam, pois “muitas coisas aparentemente arbitrárias na verdade obedecem a leis” (Freud, 1907/1996, p. 46), “impulsos emocionais poderosos” e de “grande intensidade”, ou seja, as leis do inconsciente.

No tocante à negação, o outro elemento que queremos sublinhar no silenciamento literário de Rimbaud, utilizaremos um sucinto, mas esclarecedor, artigo de Freud; trata-se de “A negativa” (1925/1996). Nesse texto Freud expõe algumas observações, obtidas através de seu trabalho clínico. O autor chama a atenção para o fato de que os analisandos ao negarem algo durante o processo de análise estão, na verdade, abrindo caminho até a consciência para um material que estava reprimido no



inconsciente. A negativa seria assim uma suspensão da repressão, mas não uma aceitação do reprimido. Segundo Freud, “negar algo em um julgamento é, no fundo, dizer: ‘Isto é algo que eu preferia reprimir’. Um juízo negativo é o substituto intelectual da repressão, um certificado de origem” (Freud, 1925/1996, p. 266). Para o autor, uma das funções que se relaciona com o julgamento é justamente afirmar ou negar a posse de um atributo em particular, o que equivaleria a um pronunciamento do sujeito de que algo estaria dentro ou fora dele mesmo. Ele termina este artigo com as seguintes palavras:

Na análise, jamais descobrimos um ‘não’ no inconsciente, (...) o reconhecimento do inconsciente por parte do ego se exprime numa fórmula negativa. Não há prova mais contundente de que fomos bem-sucedidos em nosso esforço de revelar o inconsciente, do que o momento em que o paciente reage a ele com as palavras ‘Não pensei isso’ ou ‘Não pensei (sequer) nisso’ (FREUD, 1925/1996, p. 269).

Os termos destacados por Freud na passagem supracitada (‘não pensei isso’ ou ‘não pensei sequer nisso’) nos reportam, por sua semelhança, a réplica de Rimbaud quando, em 1879, foi questionado por seu amigo Delahaye, sobre a literatura: “Não penso mais nisso” – conforme mencionamos acima.

Rimbaud abandonou sua escrita literária de maneira deliberada e o fez, quer nos parecer, através da fuga e da negação. Entretanto, Freud nos alerta que a função intelectual se distingue do processo afetivo. Assim, se considerarmos as formulações freudianas sobre a fuga e a negação, que são justamente os métodos empregados pelo escritor no abandono da poesia, seria possível supor que Arthur Rimbaud, paradoxalmente, poderia de alguma maneira se “fazer” (fugindo) e se “afirmar” (negando) ser poeta. Contudo, ele cai prisioneiro daquilo que queria evitar, enredando-se no que preferiria recalcar. Tal questão ainda se justifica se lembrarmos novamente de Freud quando, em seu texto “Escritores criativos e devaneio” (1908/1996), assevera que “Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado” (Freud, 1908/1996, p. 136). De posse das considerações freudianas sobre a fuga e a negação, e também sobre a impossibilidade de uma renúncia, uma indagação se impõe: sairia Rimbaud incólume do abandono de sua escrita?

Muitos críticos da obra rimbaudiana apontam para a questão da vidência que o jovem poeta teria em relação a si mesmo, no tocante ao que descrevia em seus escritos e

ao que vivenciou após abdicar de seu projeto literário. Alguns trechos de seus poemas funcionariam como profecias, que se realizaram quando do seu silenciamento literário. O tom profético dos escritos rimbaudianos é ponto pacífico entre grande parte dos estudiosos de sua literatura – dentre muitos, podemos citar Lêdo Ivo (1981), Pierre Petitfils e Henri Matarasso (1988), Ivo Barroso (1995), Mauricio Salles Vasconcelos (2000), Augusto de Campos (2002) e Charles Nicholl (2007). Wallace Fowlie (2005) chega mesmo a considerar que a vida de Rimbaud se tornou um épico após sua renúncia à produção poética, pois ele efetivamente viveu as viagens que anteriormente havia criado por escrito. Henry Miller, em seu livro *A hora dos assassinos: um estudo sobre Rimbaud*, constata algo que gostaríamos de enfatizar, quando se refere a temporada africana do poeta: “As cartas que escreve à mãe são um longo queixume misturado a censuras e recriminações, com gemidos, rogos e súplicas. *Miserável, maldito! Finalmente torna-se ‘o grande inválido’*” (MILLER, 2003, p. 85, grifo meu). Certamente o “maldito” e o “grande inválido” ressaltados por Miller, fazem eco à “Carta do vidente”, aquela na qual o escritor francês declara que, através do método de vidência, o poeta se torna “o grande enfermo, o grande criminoso, o grande maldito”.

Partimos da consideração de Miller para destacar ainda um aspecto. Rimbaud tornou-se não só maldito e inválido, após renunciar a seu projeto literário, mas literalmente “enfermo, criminoso e maldito”, podemos observar sua vida se construindo pela encarnação da tríade que ele mesmo concebeu sobre aqueles que se dedicariam ao fazer poético. Sendo assim, em Rimbaud nos parece que a pequena cadeia significativa “enfermo – criminoso – maldito”, que a princípio se daria através da elaboração simbólica da escrita, do ser poeta, transforma-se na coisa em si, encarnando-se essa tríade na vida do poeta quando ele se despede da poesia. Deste modo, torna-se um poeta sem palavras, mas pagando com seu corpo e sua vida.

Ana Cecília Carvalho, em seu livro *A poética do suicídio em Sylvia Plath*, no qual reflete sobre o percurso da escritora americana, que também tem entrelaçadas a vida e a obra, afirma que “se escrever é um ato de coragem, calar-se pode exigir uma disposição ainda maior” (CARVALHO, 2003, p.194). Nesse sentido, o ato de calar-se literariamente não seria algo destituído de efeitos, podendo inclusive acarretar riscos, o silêncio poderia trazer consequências nefastas, instaurando-se como algo mortífero.

O conceito de “vida escrita”, desenvolvido por Silviano Brandão, é imprescindível para aprofundarmos em nossas reflexões acerca da relação indissolúvel entre a vida e a obra literária. Para a autora:

A vida escrita é a vida que se escreve, mesmo que não se saiba. Como a lesma que deixa uma gosma viscosa em seu caminho. Como a lágrima que fala em seu silêncio de dor ou alegria. Ou o rápido traço no ar que faz o pássaro, da gaiola ao galho, ao ar que risca com sua fuga, no movimento-escrita reto ou sinuoso, como letras que se encadeiam e se ligam (...). O que chamo de vida escrita é a unidade entre escrever e viver e vice-versa, pois a escrita se faz por seus traços de memória marcados, rasurados ou recriados, no tremor ou firmeza das mãos, no pulsar do sangue que faz bater o coração na ponta dos dedos, na superfície das páginas, da tela, da pedra, onde se possam fazer traços, mesmo naquilo que resta desses traços, naquilo que não se lê, o que se torna letra, som ou sulco, marcas dessa escavação penosa que fazemos no real (SILVIANO BRANDÃO, 2006, p. 23 e 28).

E completa: “Seja ela escrita ou não, a vida sempre é escrita, pelas inscrições, traços e rastros com que a marcamos ou a sulcamos” (SILVIANO BRANDÃO, 2006, p. 33).

Diante das formulações de Silviano Brandão, nos interessa saber sobre as inscrições, traços e rastros com que Rimbaud marcou sua vida, que afinal, é sempre escrita. A personificação do “enfermo-criminoso-maldito”, por parte do poeta, parece ser o modo singular como ele assinala seu silêncio, na escrita de si mesmo.

Em Rimbaud é possível entrevermos três momentos da tríade “enfermo-criminoso-maldito”. Inicialmente ela aparece na “Carta do vidente”, significando o que seria necessário para tornar-se poeta. Em seguida, encontramos as palavras que a compõem em alguns escritos de Rimbaud, estando aqui a tríade separada, mas seus significantes presentes. Finalmente, após o poeta fugir da literatura e negar a própria escrita, podemos vislumbrá-la na realização do que aqui estamos chamando de encarnação da tríade, na sua vida escrita.

A palavra “enfermo”, que aparece mais de uma vez no terceiro poema das “Prosas evangélicas”<sup>4</sup>, também pode ser encontrada em *Uma estadia no inferno* – na parte denominada “Sangue mau”<sup>5</sup>. Interessante é descobrir nos escritos poéticos

---

<sup>4</sup> “Foi lá que Jesus praticou sua primeira ação grave; com os infames *enfermos*. Era um dia, de fevereiro, março ou abril, em que o sol das duas deixava um grande feixe de luz estender-se sobre a água sepulta; e, como se estivesse lá embaixo, à distância, por detrás dos *enfermos*, podendo ver tudo o que esse único raio despertava de borbulhas, de cristais e vermes, nesse reflexo semelhante a um anjo branco que repousasse de lado – todos os reflexos infinitamente pálidos se moviam. Então todos os pecados, filhos levianos e tenazes do demônio, que aos corações um tanto sensíveis, tornavam esses homens mais horrendos que os monstros, queriam atirar-se nessa água. Os *enfermos* desciam, já sem escárneos; mas com vontade” (RIMBAUD, 1998, p.89, grifos meus).

<sup>5</sup> “Voltarei, com uma saúde de ferro, a pele escurecida, o olhar selvagem; pela minha máscara, pensarão que sou de uma raça forte. Terei ouro; serei ocioso e brutal. As mulheres cuidam desses ferozes *enfermos*

rimbaudianas palavras ou expressões que denotam a enfermidade que posteriormente o atingiria: “paralítico” em “Prosas evangélicas”<sup>6</sup>; “estropiado” em “O homem justo”<sup>7</sup>; “membros enfermos” em “As irmãs de caridade”<sup>8</sup>; e mesmo “câncer” em “Sangue mau”<sup>9</sup>.

Nas cartas de Rimbaud para a sua família, desde que deixou o continente europeu, não raramente ele relata sobre seu estado de saúde. Podemos notar que a maneira do poeta tratar deste assunto vai do desinteresse a uma preocupação crescente, passando por momentos de irritação, até que atinge um tom realmente grave. Citaremos trechos de algumas de suas correspondências no intuito de marcar estas passagens.

Em 23 de maio de 1880 escreveu aos seus, de Chipre, “Minha saúde não está boa (...). Mas é melhor não pensar neste assunto. Além disto, o que posso fazer?” (RIMBAUD, 1983, p. 67); um ano depois termina uma carta, redigida em Harar no mês de julho, desta forma: “Não se cansem, é uma coisa insensata! A vida e a saúde não são mais preciosas que as outras sujeiras do mundo? Vivam com tranqüilidade” (RIMBAUD, 1983, p. 81).

Em 1885, ele escreve sobre sua disposição física de outra maneira, “Receio ser obrigado a sair daqui, minha saúde está bastante arruinada, um ano aqui vale por cinco em outro lugar” (Rimbaud, 1983, p. 114). Em 1889, em uma carta para sua mãe e sua irmã, ele escreve de Harar: “Por que vocês sempre falam de doenças, morte, de toda espécie de coisas desagradáveis? Deixemos todas estas idéias longe de nós, e tratemos de viver o mais confortavelmente possível” (RIMBAUD, 1983, p.155).

Porém não seria possível para Rimbaud manter aquelas ideias, de enfermidade e de morte, distante de si – talvez por isso o tom irritado com que repreende a mãe e a irmã. Os biógrafos consideram que, já em 1881, em uma missiva do Harar, possivelmente ele se refere pela primeira vez à doença que viria matá-lo: “Peguei uma

---

que retornam dos países quentes. Envolver-me-ei nos negócios políticos. Salvo” (RIMBAUD, 1981, p. 49, grifo meu).

<sup>6</sup> “O *Paralítico*, que permanecia encolhido a um canto, levantou-se, e foi com um passo singularmente firme que o viram, os Danados, atravessar a galeria e desaparecer na cidade” (RIMBAUD, 1998, p. 91, grifo meu).

<sup>7</sup> “Pelas farsas da noite a tua fronte é vista,/ Ó justo! Volta à casa. E diz tua oração./ A boca no lençol em doce expiação;/ E se algum desgarrado ocorre a teu hostiário,/ Diz-lhe: Irmão, segue em frente, estou *estropiado!*” (RIMBAUD, 1995, p. 173, grifo meu).

<sup>8</sup> “Crendo nos vastos fins, como Sonhos ou ertos/ Passeios através das noites da Verdade,/ Te acolha em sua alma e em seus *membros enfermos*,/ Ó Morte misteriosa, ó irmã de caridade!” (RIMBAUD, 1995, p. 169, grifo meu).

<sup>9</sup> “ – Este povo se inspira na febre e no *câncer*. Velhos e inválidos são de tal modo respeitáveis que pedem para ser cozidos. – O mais sagaz será deixar tal continente, onde a loucura ronda a prover reféns a esses miseráveis. Penetro o verdadeiro reino dos filhos de Cam” (RIMBAUD, 1998, p. 141, grifo meu).

doença, pouco perigosa em si, mas o clima daqui é traiçoeiro para qualquer espécie de doença. Não se cura nunca de uma ferida” (RIMBAUD, 1983, p. 76-77).

Data de 1887 uma carta na qual Rimbaud escreve explicitamente sobre problemas de circulação e reumatismo, os relaciona às suas atividades e vislumbra um futuro funesto:

Encontro-me atormentado estes dias por um reumatismo nos rins que me deixa desesperado; além disto, estou também com reumatismo na coxa esquerda que me deixa paralisado de vez em quando, uma dor articular no joelho esquerdo, um reumatismo (já antigo) no ombro direito; meus cabelos estão completamente grisalhos. Penso que minha existência periclita. Imaginem como devo estar, após façanhas do seguinte gênero: travessias de mar e viagens por terra e a cavalo, em barco, sem roupas, sem víveres sem água etc., etc. Estou extremamente cansado. (...) Devo, portanto, passar o resto dos meus dias errando entre fadigas e privações, com a única perspectiva de morrer trabalhando e atormentado (RIMBAUD, 1983, p. 137).

Quando Rimbaud deixou Harar em busca de auxílio médico, transportado pelo deserto na padiola que fez construir, foi a primeira e única vez que manteve um diário – durante os doze dias de viagem, em abril de 1891 – segundo notam Matarasso e Petitfils. O que podemos ler, destas pequenas anotações, são os horários de chegada e partida de determinados pontos do trajeto, dificuldades com relação ao clima e aos mantimentos, e relatos de sofrimento, causado agora pela enfermidade na perna direita. Chegando a Aden ele escreveu à sua mãe relatando a viagem, o parecer do médico, suas próprias impressões e a vontade de regressar à França para tratar-se. Citamos alguns trechos desta missiva, datada de 30 de abril:

É inútil descrever os terríveis sofrimentos por que passei no caminho. Em momento algum pude dar um passo fora de minha padiola; meu joelho inchava a olhos vistos e a dor aumentava continuamente. (...) O médico inglês, assim que lhe mostrei meu joelho, disse que se tratava de uma *sinovite* chegada a um ponto muito perigoso, em consequência da falta de cuidado e do cansaço. Falou em seguida em cortar a perna; depois decidiu aguardar alguns dias para ver se o joelho desinchava um pouco depois da medicação. (...) Estou um esqueleto: causo medo. Minhas costas estão esfoladas por causa da cama; não durmo nem um minuto. (...) Estou com vontade de embarcar num vapor e ir me tratar na França. (...) Desgraçadamente os vapores para a França estão superlotados, porque todo mundo volta das colônias nesta época do ano. E eu sou um pobre enfermo a quem se deve transportar com muito cuidado! (RIMBAUD, 1983, p. 165-166, grifo no original).

A questão do “criminoso” e a do “maldito” encontram-se amalgamadas, de certa maneira, com a enfermidade de Rimbaud. Relacionaremos posteriormente como o agravamento de seu estado de saúde foi tomando proporções de modo que ele maldissesse sua sorte e sua vida; veremos agora como a personificação do “criminoso” atingiu seu ápice, pela via da realidade psíquica, durante sua última internação no Hospital em Marselha.

Para abordarmos a encarnação do “criminoso” em Rimbaud, é pertinente assinalar o impacto que o afastamento do pai (que era capitão de infantaria) pode ter causado na vida do poeta, pois será justamente uma constante preocupação no tocante à sua situação para com o serviço militar, após partir para a África, que nos permitirá distinguir esta questão. Antes de avançarmos em nossa reflexão, acrescentamos que, assim como a palavra “enfermo”, o significante “crime” também consta em algumas de suas produções literárias. Podemos citar: “A manhã”<sup>10</sup>, “Cidade”<sup>11</sup>, “Saldo”<sup>12</sup> e a segunda parte de “Juventude” – denominada “Soneto”<sup>13</sup>.

As cartas que enviava para a família comprovam o fato de que Rimbaud tornou-se cada vez mais apreensivo com relação ao serviço militar que não prestou quando deveria, passando a temer as possíveis consequências dessa deserção. Matarasso e Petitfils (1988) esclarecem que Isabelle e sua mãe foram inaptas no tratamento que deram ao caso do serviço militar de Rimbaud; em vez de comunicarem a verdade às autoridades competentes, de que o poeta havia retornado a França e de que sua perna havia sido amputada, buscando uma solução viável para o problema, elas esconderam esses fatos. Os autores supracitados consideram que, a partir dessa incerteza e também em decorrência dos delírios da febre, Rimbaud acabou por se considerar um criminoso perseguido pela polícia.

A não-comunicação de Vitalie e Isabelle às autoridades militares, da situação de Rimbaud, talvez tenha relação com um outro silenciamento que podemos constatar nas

<sup>10</sup> “Já não foi uma vez adorável, heroica, fabulosa a minha mocidade, dessas de se inscrever em páginas de ouro, – promissora demais! Qual o *crime*, que erro, me fez merecer a miséria de agora?” (RIMBAUD, 1998, p. 187, grifo meu).

<sup>11</sup> “Assim [como], de minha janela, vejo espectros novos rolando através da espessa e eterna fumaça do carvão, – nossa sombra dos bosques, nossa noite de verão! – novas Erínias, diante do meu chalé que é minha pátria e todo o meu coração já que tudo aqui se parece com isto, – a Morte sem lágrimas, nossa ativa filha e criada, um Amor desesperado, e um bonito *Crime* piando na lama da rua” (RIMBAUD, 1998, p. 241, grifo meu).

<sup>12</sup> “À venda o que os judeus não venderam, o que a nobreza e o *crime* não provaram, o que o amor maldito e a proibidade infernal das massas ignoram; o que nem o tempo ou a ciência precisam reconhecer” (RIMBAUD, 1998, p. 275, grifo meu).

<sup>13</sup> “A terra possuía vertentes férteis em príncipes e artistas, e a descendência e a raça nos impeliam aos *crimes* e aos lutos: o mundo, vossa fortuna e vosso perigo” (RIMBAUD, 1981, p. 126, grifo meu).

cartas que conhecemos do poeta. Em nenhuma delas Rimbaud menciona o seu pai. Haveria em sua família um pacto de silêncio no que se referiria ao pai, proveniente de seu abandono do lar? Se estivermos corretos em nossa suposição, o que se apresenta é um interdito – uma impossibilidade de falar desse pai, de sua evasão familiar, ou mesmo do que lembrasse esses fatos. Importante é sublinharmos que quando Frédéric Rimbaud deixou a casa e a família, sua esposa se declarou viúva, o que não deixa de ser uma maneira de “matá-lo”. Não tocar em seu nome seria assim um modo eficiente de mantê-lo “enterrado”. Tudo isso pode ter sido transmitido por Vitalie, de maneira explícita ou mesmo não dita (através do silêncio, do interdito) aos filhos do casal. Desta maneira, o abandono paterno teria passado por gradações até que o pai desaparecesse completamente: abandono paterno propriamente dito (quando Frédéric Rimbaud deixa a casa e a família), desaparecimento do pai no discurso materno (quando Vitalie declara-se viúva e silencia sobre o assunto) e, finalmente, desaparecimento do pai no discurso do grupo familiar (interdição dos filhos de se referirem ao pai).

Ana Cecília Carvalho, em comunicação pessoal, considerou que Rimbaud e sua família construíram uma espécie de discurso em que nunca se pode dizer completamente algo, isto é, existe sempre algo de “mal-dito” – mesmo na interlocução que travaram pela forma escrita (as cartas). Segundo Carvalho: “O que não pode ser completamente dito, passa, assim, a ser ‘mal-dito’”. Este “mal-dito” talvez tenha ligação e desdobramentos com a própria “maldição” subjetiva e literária do poeta, tópico que discutiremos a seguir.

A palavra “maldito” também aparece, como as outras que compõem a tríade significante “enfermo-criminoso-maldito”, em algumas composições poéticas de Rimbaud. Podemos lê-la em excertos de “A orgia parisiense ou Paris se repovoa”<sup>14</sup>, “Sangue mau”<sup>15</sup>, “Saldo”<sup>16</sup> e “O homem justo”<sup>17</sup>. Este último poema é considerado

---

<sup>14</sup> “O Poeta irá tomar o pranto dos Infames./ Os ódios do Forçado, as queixas dos *Malditos*./ E as Mulheres serão flageladas de amor./ Seus versos saltarão: Ei-los! ei-los! bandidos!” (RIMBAUD, 1995, p. 159, grifo meu).

<sup>15</sup> “Por ora sou *maldito*, tenho horror à pátria. O melhor será dormir, embriagado sobre a areia” (RIMBAUD, 1998, p. 139, grifo meu).

<sup>16</sup> “À venda o que os judeus não venderam, o que a nobreza e o crime não provaram, o que o amor *maldito* e a proibidade infernal das massas ignoram; o que nem o tempo ou a ciência precisam reconhecer” (RIMBAUD, 1998, p. 275, grifo meu).

<sup>17</sup> “E se algum desgarrado ocorre a teu hostiário,/ Diz-lhe: ‘Irmão, segue em frente, estou estropiado!’ / (...) Sou aquele que sofre e que se revoltou! / (...) Sabes que sou *maldito*! E louco, e ébrio, e lívido, / O que quiseres! Mas, vai lá, deixa-me em paz, / Ó justo! Não me atraí teu torpe pensamento. / (...) Respeitai o *Maldito* audaz da noite em sangue. / (...) – Ventos noturnos, vinde ao *maldito*!” (RIMBAUD, 1995, p. 173 e 175, grifos meus).

assombroso por Jean Guir (1988), pois nele podemos observar vários elementos que remetem à futura enfermidade de Rimbaud.

A encarnação do maldito em Rimbaud quase se explica por si só, depois de examinarmos, ainda que brevemente, sua vida e a enfermidade que o levou a morte. É também interessante considerarmos que um dos epítetos que passou a ser indissociável de seu nome seja justamente esse, sendo Rimbaud um ícone entre os chamados “poetas malditos”. Provavelmente quem primeiro lhe atribuiu o adjetivo foi Verlaine que, em 1884, escreveu um estudo sobre Rimbaud em uma coleção denominada precisamente “Os poetas malditos”.

As cartas de Rimbaud documentam seus sofrimentos e suas queixas, seja na temporada africana seja na correspondência que ele manteve com Isabelle no período de sua primeira internação no hospital em Marselha. Embora os sofrimentos descritos pelo poeta fossem muitos, nenhum deles parece se igualar ao desespero provocado pela enfermidade e amputação de sua perna. Este parece ser o ponto onde o “enfermo” e o “maldito” se entrelaçam. Podemos suspeitar que, para Rimbaud – o fugitivo, o viajante, o explorador –, perder uma perna poderia ser um golpe fatal. Na carta de 14 de julho de 1891 para Isabelle, redigida em Marselha, ele chama para si a responsabilidade de sua doença, alegando que, se a tivesse tratado desde o início, ela poderia ter sido controlada. As missivas que escreveu para a irmã em 10 e 15 de julho de 1891, quando já havia sido operado, nos dão a dimensão do seu sofrimento, de sua “maldição”. Citamos a seguir alguns trechos:

Portanto, retorno às minhas muletas. Que tédio, que cansaço, que tristeza quando penso em todas as minhas antigas viagens e quanto eu era ativo há apenas cinco meses! O que foi feito das correrias através dos montes, das cavalgadas, dos passeios, dos desertos, dos rios, dos mares? E agora, levar a vida de um mutilado! Pois começo a compreender que as muletas, pernas de madeira e pernas mecânicas são um monte de piadas e que com isto conseguimos apenas nos arrastar miseravelmente, sem nunca podermos fazer coisa alguma. (...) Minha vida acabou, não passo de um troço imóvel. (...) Não posso e não poderei andar por muito tempo e para dizer a verdade, acho que não estou curado interiormente, aguardo alguma explosão... (RIMBAUD, 1983, p. 173-174).

Passo a noite e o dia a refletir sobre os meios de movimentação: é um verdadeiro suplício para mim! Gostaria de fazer isto e aquilo, ir aqui e ali, ver, viver, partir: impossível, impossível por muito tempo, talvez para sempre! Ao meu lado, vejo apenas estas malditas muletas: sem estes bastões, não posso dar um passo, não posso existir. (...) Eis aí o belo resultado: estou sentado e de vez em quando, levanto-me e dou alguns pulos com minhas muletas! A cabeça e os ombros se inclinam para a frente e você fica curvado como um corcunda. Você teme os objetos e as pessoas a se moverem em sua volta, com medo que o



derrubem e lhe quebrem a outra perna. Riem ao vê-lo andar aos saltos. (...) Você é tomado por um profundo desespero e fica sentado, impotente, choramíngando à espera da noite, que traz a insônia perpétua, e depois vem a manhã ainda mais triste que a véspera, etc., etc (RIMBAUD, 1983, p. 175, 177 e 178).

Da segunda internação de Rimbaud nos chegaram as notas que Isabelle redigiu enquanto acompanhou seu irmão no hospital. O excerto de uma delas, datada de 04 de outubro de 1891, alguns dias antes do poeta morrer, talvez fosse suficiente para condensar tudo o que dissemos do sofrimento de Rimbaud.

Penso e escrevo tudo isso enquanto ele está mergulhado em uma espécie de letargia, que não é sono mas sim, fraqueza. Ao acordar, olha pela janela, o sol brilhando em um céu sem nuvens e põe-se a chorar, dizendo que jamais voltará a ver o sol lá fora. “Eu irei para debaixo da terra, me diz ele, e você caminhará ao sol!” E é assim todo dia, um desespero sem nome, uma lamentação sem fim (RIMBAUD, 1983, p. 179).

Em nosso artigo procuramos analisar, através do pensamento psicanalítico, a tríade significativa “enfermo-criminoso-maldito” como possível elo entre a vida, a obra e o silêncio poético de Rimbaud. Silviano Brandão, refletindo sobre “a vida escrita” observa que:

A vida se escreve com fios que ora se rompem, sofrem cortes, ora se interligam, e nem sempre é fácil descobrir como se fez o bordado, que voltas se teceram para construí-lo, com que matéria se fizeram seus fios. O bordado se faz, a travessia também, através de superfícies às vezes surpreendentes. Melhor seria falar de várias travessias, esses trajetos que se fazem na escrita, descontínuos, com um ritmo particular e que se traçam sem que se deixem ver, sem que se possam localizar de imediato, mas largando rastros (SILVIANO BRANDÃO, 2006, p. 79).

Nesse sentido, seguindo os rastros deixados pelo poeta, procurando interligar os fios rompidos, descontínuos, somos tentados a coincidir a encarnação da tríade empreendida por Rimbaud após renunciar à poesia, com a destruição do homem. Um poeta sem palavras, mas um poeta com seu corpo e sua vida e, ao que parece, sua morte simbólica e real.

Se, por um lado, nossa reflexão pode ser algo útil no entendimento do tão discutido silenciamento literário de Arthur Rimbaud, por outro lado, ela abre outros questionamentos. Nós nos perguntamos se seria possível inferir algo, a partir do percurso rimbaudiano, no tocante à relação de um autor com sua obra, à interrelação

entre a vida e a obra de um escritor e mesmo sobre a escrita como uma possibilidade limitada, ao menos para alguns autores – aqueles que se matam, aqueles que se calam.

O poeta que se dizia “mestre do silêncio”, no poema intitulado “Infância”, talvez tenha muito que nos ensinar sobre a criação literária, no que a torna infinita e finita, no que ela pode direcionar o sujeito para a vida ou para a morte.

**Referências:**

BARROSO, Ivo. Notas. In: Rimbaud, A. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995, p.315-374.

BARROSO, Ivo. A dupla vida de Arthur Rimbaud. In: Rimbaud, A. *Prosa poética*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, p.13-28.

CAMPOS, Augusto de. Alguns Rimbauts. In: Rimbaud, A. *Rimbaud livre*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p.11-21.

CARVALHO, Ana Cecília. *A poética do suicídio em Sylvia Plath*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

FOWLIE, Wallace. *Rimbaud e Jim Morrison: os poetas rebeldes*. Tradução de Alexandre Feitosa Rosas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1907). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. vol. IX.

\_\_\_\_\_. (1908). *Escritores criativos e devaneio*. vol. IX.

\_\_\_\_\_. (1925). *A negativa*. vol. XIX.

GUIR, Jean. Os joelhos de Rimbaud. In: *A psicossomática na clínica lacaniana*. Tradução de Cristina Rollo de Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MATARASSO, Pierre; PETITFILS, Henri. *A vida de Rimbaud*. Tradução de Antonio Carlos Viana. São Paulo: L&PM, 1988.

MILLER, Henry. *A hora dos assassinos: um estudo sobre Rimbaud*. Tradução de Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2003.

NICHOLL, Charles. *Rimbaud na África: os últimos anos de um poeta no exílio (1880-1891)*. Tradução de Mauro Pinheiro; tradução dos poemas e leitura crítica de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

RIMBAUD, Arthur. *Uma temporada no inferno & Iluminações*. Tradução, introdução e notas de Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

RIMBAUD, Arthur. *A correspondência de Arthur Rimbaud*. Tradução de Alexandre Ribondi. Porto Alegre: L&PM, 1983.

RIMBAUD, Arthur. *Poesia completa*. Tradução, prefácio e notas de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

RIMBAUD, Arthur. *Prosa poética*. Tradução, prefácio e notas de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

RIMBAUD, Arthur. *Rimbaud livre*. Introdução e tradução de Augusto de Campos. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SILVIANO BRANDÃO, Ruth. *A vida escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

VASCONCELOS, Maurício Salles. *Rimbaud da América e outras iluminações*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

## **BETWEEN LIFE AND LITERATURE: THE SILENCE OF RIMBAUD**

### **ABSTRACT:**

This article aims to read psychoanalytically the entanglement between life and work of the French poet Jean-Nicholas Arthur Rimbaud and to investigate his literary silence, since he abandoned poetry at the age of nineteen. In order to do so, we use Rimbaud's biographic data and his literary and epistolary production. Also we appeal to Freudian formulations about denial and escape and to the formulations of those who dedicated studies on the interaction between life and literary work, so we can understand the specificities and developments of Rimbaud's literary resignation.

**KEYWORDS:** Rimbaud. Psychoanalysis. Interaction Life-Literary work.

## **ENTRE LA VIE ET L'ŒUVRE: LE SILENCE DE RIMBAUD**

**RÉSUMÉ:** Cet article vise à faire une lecture psychanalytique de l'entrecroisement de la vie et de l'œuvre du poète français Jean Nicolas Arthur Rimbaud, et enquêter sur le silence littéraire de cet écrivain qui a abandonné la poésie à dix-neuf ans. Pour ce faire, nous avons utilisé des données de sa biographie et de sa production écrite (littéraire et épistolaire). Nous avons eu recours aux formulations freudiennes sur la fuite et le déni, et à la contribution de certains auteurs qui se sont penchés sur la question de l'interrelation « vie - œuvre littéraire » afin de comprendre les particularités et les conséquences du renoncement littéraire de Rimbaud.

**MOTS-CLÉS:** Rimbaud, psychanalyse, interrelation « vie - œuvre littéraire »

Recebido em: 17-08-2014

Aprovado em: 06-11-2014

©2014 Psicanálise & Barroco em revista  
www.psicanalisebarroco.pro.br  
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq  
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.  
Memória, Subjetividade e Criação.  
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanalisebarroco.pro.br www.psicanalisebarroco.pro.br/revista